

Os erros que Sarney

queria ter evitado

por Itamar Garcez
de Brasília

(Continuação da 1ª página)
presidente do que dele. Assim, segundo Sarney, são os presidiáveis que passam a ser alvo do Congresso.

Reafirma sua disposição de não interferir no processo sucessório. "Eu seria um elemento perturbador. Meu candidato é a transição e eu acho que ele vai ganhar", observa, com alguma ironia. Prefere manter sigilo sobre a quem dará o seu voto, em novembro próximo. "O voto é secreto", justifica.

O próximo presidente, continua, terá uma tarefa importante que é a de ge-

renciar uma reforma constitucional. Para Sarney, ela é fundamental. A mescla de parlamentarismo e de presidencialismo, que serviu de base à atual Carta, "deve ser repensada".

Começa a pensar na volta à praia do Calhau, em São Luís, no Maranhão, onde sempre residiu. Anuncia que vai escrever livros, mas não pretende sair da vida política. "E se for provocado, vou reagir", adverte.

O presidente, hoje, considera-se "preparadíssimo" para deixar o poder: "Mais do que em 1947, quando conquistei o primeiro lugar na turma de Direito, em São Luís".

Os erros que Sarney queria ter evitado

18 AGO 1989

GAZETA MERCANTIL

18 AGO 1989

por Itamar Garcez
de Brasília

Se pudesse, o presidente da República, José Sarney, diz que gostaria de voltar no tempo e evitar alguns "erros" políticos que cometeu nesses seus quatro anos e cinco meses de governo.

Em entrevista a este jornal, ontem, no avião que o levou de Campos (RJ) a Brasília — depois de inaugurar um conjunto de plataformas de petróleo da estatal Petrobrás (veja matéria na página 14) —, Sarney disse que se arrepende, por exemplo, de não ter cuidado melhor da sustentação política de seu governo.

"Eu não deveria ter deixado aberto o leque de composições feitas por Tancredo Neves", explicou. E indicou onde acha que errou, na montagem de sua base política: "Dei ao doutor Ulysses uma posição hegemônica dentro do meu governo".

Não esconde seu senti-

mento de mágoa com o deputado Ulysses Guimarães, hoje candidato do PMDB à sua sucessão, e com todo o conjunto de líderes desse partido.

"Foi uma aliança difícil de administrar", comenta, "procurei ser coerente com o PMDB. Não pensei em alterar nada. Tive a boa fé de pensar que lidava com homens cujo interesse era a transição democrática e não os interesses particulares". Sua mágoa, observa, tem origem na atitude de líderes do PMDB, que participaram do governo e, hoje, orepudiam nos palanques.

Tancredo, acrescenta, deixou-lhe uma herança política difícil, especialmente quanto à "hierarquia de ministros de todos os partidos". Mas o falecido presidente, acha Sarney, certamente teria sido melhor presidente do que ele está sendo: "Se ele estivesse no governo, teria força para fazer o que eu não fiz".

Hoje, olhando para trás, Sarney considera que deveria ter primeiro consolidado sua base de sustentação política, para, depois, solucionar os conflitos internos do governo. "Deveria, primeiro, unir para, depois, evitar as divergências. Errei quando agi de forma inversa", lamenta.

O saldo político de sua gestão, no entanto, é positivo — ele acha. "A área política" — as reformas básicas para a transição — "foi cumprida impecavelmente". O que não realizou, ressalva, foi consequência das circuns-

tâncias adversas em que ad-

ministrou. "Não consegui realizar o governo que eu poderia ter feito, pelas limitações — justifica. Acrescenta: "Tive de conviver com a maior crise econômica da história do Brasil".

Além disso, enumera, faltou sustentação política, houve uma crise internacional (da dívida), com o fim do fluxo de capitais externos, o aumento dos custos da dívida interna, a vulnerabilidade do País na mídia internacional por problemas de meio ambiente.

Agora, porém, o presidente sente-se aliviado em suas relações com o Congresso Nacional. Para ele, o programa de emergência contra a hiperinflação, proposto pelos parlamentares, foi fundamental nisso. Observa, no entanto, que ainda não existe uma sintonia entre os dois poderes: "Eu não alcancei isso", queixa-se, "o que há, hoje, é uma convivência pacífica".

O Congresso, que passou anos escolhendo seu governo como alvo preferencial para críticas, deve deslocar suas baterias — conforme acha o presidente, em função da sucessão presidencial. "Eu não sou o alvo, nem adversário do Congresso", diz.

Seu raciocínio é de que os parlamentares, agora, se voltam para a própria reeleição, no próximo ano, que tende a depender mais do próximo

(Continua na página 7)